

# SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA

A realistic model of a Neanderthal child, shown from the chest up, lying on its side and sleeping peacefully. The child has reddish-brown hair and is wearing a simple, woven bracelet on its right wrist. The child is resting on a bed of dry straw and rocks, with a dark, textured background behind them.

## OS PRIMEIROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

# SUPER INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



## REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).  
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

## REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),  
**João Luís Cardoso** (coordenador científico deste número),  
**Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,**  
**António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,**  
**António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.**

Consultora **Marta Ariño**  
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**  
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).  
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

## DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.  
A Super Interessante é uma publicação  
registada na Entidade Reguladora  
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.  
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

## “Roads that walk”:

the Tagus River, the scene of encounters in the year 1000 BC

*Raquel Vilaça e João Luís Cardoso*

### Abstract

From the border, when it enters Portuguese territory, to the estuary area, the Tagus is approximately 230 km long. Upstream, in its international stretch, it is a river that runs narrowly and embedded in the plateaus of the Hesperic Massif, while downstream, after the mouth of the Zêzere, it becomes a plain river, entering the Cenozoic Basin and ending in a wide inland estuary near Lisbon.

For the period in question, between the 13th and 9th centuries BC, the characteristics of the river were different: the ancient Tagus estuary was wider and deeper, as a result of less silting, which began in Mesolithic times and has not stopped until today.

The communities, fully hierarchical and through their elites, established contacts, traveled, produced and exchanged goods of various natures, which circulated between sometimes very distant regions. It is in this particular case that it makes perfect sense to look at the river as a true “road that walks”.

**Keywords:** Tagus River; Late Bronze Age; Portugal



Construção de uma piroga monóxila pré-histórica para navegação fluvial. Concepção e desenho digital de Bernardo Lam Ferreira / João Luís Cardoso.

# «ESTRADAS QUE CAMINHAM»

o rio tejo, palco de encontros  
no ano mil antes de cristo

---

RAQUEL VILAÇA  
Professora Catedrática de  
Arqueologia na Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra

---

JOÃO LUÍS CARDOSO  
Investigador-Coordenador convidado  
do ICArEHB (Universidade do  
Algarve). Coordenador do CEACO  
(Câmara Municipal de Oeiras)



A descontinuidade geográfica e paisagística observada entre o Alto e o Baixo Tejo não foi acompanhada pela diferenciação das características da ocupação humana, ganhando assim consistência a existência de um «corredor estremenho-beirão». Nunca, como até então, as comunidades, plenamente hierarquizadas e através das suas elites, estabeleceram contactos, viajaram, produziram e trocaram bens de diversa natureza, que circularam entre regiões por vezes muito distantes. É neste particular que faz pleno sentido olhar o rio como uma verdadeira «estrada que caminha» ...

## POVOAMENTO

Podem considerar-se dois modelos genéricos de povoamento de incidência geográfica. No Baixo Tejo, verifica-se a coexistência dos dois tipos principais de povoados, de baixa altitude, discretos, e os sítios de altura que desempenhariam funções de coordenação dos territórios, associados à afirmação de centros de poder económico-político,

Já no Alto Tejo português, onde se desconhece povoamento ribeirinho, dominam sítios de altura de notável alcance visual, e de dimensão variável, aproximando-se de uma organização policêntrica, de forte pendor multipolar. Nesta região, o vazio de povoamento nas áreas mais próximas do rio não deverá estar dissociado da sacralização milenar desse espaço consubstanciado no santuário rupestre do Vale do Tejo, que se mantinha ativo nesta época.



<sup>ASC</sup> Povoados de altura dos Alegrios e da Moreirinha (Idanha-a-Nova), ao centro da imagem (foto de Inês Soares).

Os conhecimentos permitem afirmar que se desenvolveu um processo conducente à ocupação de sítios de altura — sem dúvida um dos elementos caracterizadores da época —, particularmente evidente se comparado com a fase anterior; porém, tal procedimento não implicou assinaláveis esforços de fortificação dos referidos sítios. Tão-pouco as construções habitacionais se traduziram em arquiteturas complexas, expressando-se antes por soluções encontradas na tradição milenar com cabanas sobretudo de planta sub-circular.

## PRÁTICAS FUNERÁRIAS E CULTUAIS

Muitas das comunidades pretéritas nem sempre compartimentaram concetual e materialmente o espaço dos vivos do espaço dos mortos, incluindo as do Bronze Final do vale do Tejo. Prova dessa relação próxima entre vivos e mortos evidenciou-se na cabana de maiores dimensões do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo). No chão da mesma foi identificado um recipiente com o bordo já muito esborroado, indício de ter sido reaproveitado como contentor de ossos, os quais se apresentavam muito calcinados, correspondentes a uma sepultura de incineração. Trata-se de um notável e raro exemplo desta modalidade funerária, cujas características — incineração e contenção em urna — induzem a admitir conotações continentais europeias, de que os campos de urnas da mesma época da Catalunha constituem referencial a reter, embora aqui os espaços funerários se encontrem bem dissociados dos habitados.

A região de Alpiarça forneceu também importantes testemunhos funerários de incineração e contenção em urna, mas aqui organizados em necrópoles polinuclea-



Uma das duas cabanas de planta circular do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo), revelando na zona central um buraco de poste estruturado de apoio à cobertura. Esta cabana possuía também no seu interior uma tumulação em urna cinerária, enterrada no chão primitivo da estrutura (foto de João Luís Cardoso).



Vista atual da necrópole do Tanchoal, Alpiarça em suave encosta de terrenos arenosos (foto de Raquel Vilaça).



Urna e  
braceletes  
de bronze do  
Tanchoal (foto  
de A. Roldão).



ASC



das, caso do Tanchoal, Meijão e Cabeço da Bruxa, situadas na área mais imediata do povoado principal, o Alto do Castelo.

Apenas em duas situações, circunscritas ao Baixo Tejo ou áreas periféricas, a prática adotada foi a da inumação, embora plenamente confirmada em apenas numa delas. É o caso do duplo sepultamento no *tholos* da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) de dois indivíduos adultos e do sexo masculino, pertencentes ao segmento mais destacado da comunidade.

O outro caso é o de uma sepultura revelada em finais do século XIX durante trabalhos efetuados numa pedreira, da qual provirá o colar de ouro do Casal de Santo Amaro (Sintra). Leite de Vasconcelos refere-se à peça e aos ossos humanos encontrados junto em «um espaço formado por duas bancadas de calcário e coberto por lajes toscas».

*Tholos* da Roça do Casal do Meio (Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira).



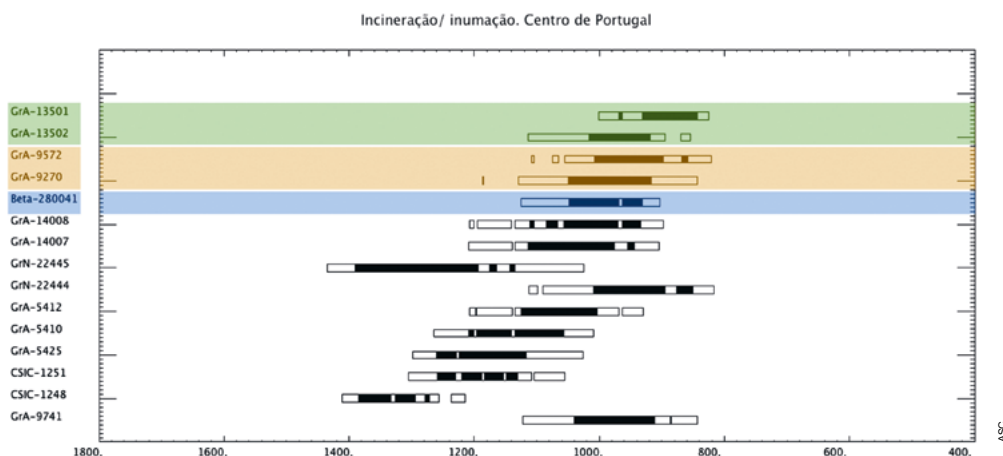
ASC

Datações absolutas, confirmam a contemporaneidade de ambas as práticas funerárias, entre meados do séc. XI a. C. e inícios do séc. IX a. C., ou seja, imediatamente antes da presença fenícia no Baixo Tejo.

Por conseguinte, o bi-ritualismo funerário é outro elemento caracterizador do Bronze Final do Tejo, situação a que não serão estranhos nem o tempo — de contactos, em que circularam homens, artefactos e ideias —, nem o espaço — um eixo fluvial que aproximou regiões culturalmente distintas. Situação totalmente distinta, por ora sem paralelo, é o depósito votivo de Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira) constituído por dois núcleos de características distintas. O núcleo de maiores dimensões integrava cerca de 50 vasos associados a intensas combustões e a deposições de partes de animais conservando parcialmente conexões anatómicas, a par de outras oferendas, como alfinetes, fíbulas e argolas de bronze. Datação pelo radiocarbono situou a formação do depósito no século VIII a. C., coevo dos primórdios da presença fenícia em zonas adjacentes do estuário. Tratar-se-ia de espaço onde seriam depositados os despojos das cerimónias comunitárias realizadas no povoado, situado a curta distância, envolvendo, eventualmente, o consumo de animais, ou simplesmente a oferenda de partes dos mesmos. Com efeito, a escassas dezenas de metros, identificaram-se diversos covachos revestidos por fragmentos de grandes recipientes, sobre os quais se produziu fogo intenso, como comprova a presença de ossos de animais incarbonizados. Tal realidade sugere a prática da incineração onde se praticavam as cerimónias dedicadas à divindade, enquanto que, no espaço anteriormente referido, se efetuava o depósito dos despojos resultantes daquelas sucessivas práticas, dando origem a uma acumulação do tipo *bothros*.



Vista parcial da câmara da Roça do Casal do Meio com inumação em deposição de decúbito lateral (Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira).



Datações para as inumações e incinerações do Bronze Final do Tejo portugueses.



ASC

Área do depósito votivo de Moita da Ladra 2 (in Monteiro e Pereira 2013, Fig. 11).



ASC

Detalhe de um dos depósitos rituais de grandes recipientes de Moita da Ladra 2 (Foto de João Luís Cardoso).

## AS PRODUÇÕES CERÂMICAS

No quadro das produções domésticas do Bronze Final avultam as cerâmicas e, de entre estas, as designadas «cerâmicas de ornatos brunidos». Pelo investimento de tempo que exigiam em termos de fabrico e de decoração, são consideradas produções de prestígio, de distinção social. Não estranha, deste modo, verificar a sua especial presença, no que respeita à zona do estuário do Tejo, nos povoados de altura, onde se sediariam as elites.

Recorde-se que as primeiras datações absolutas associadas à cronologia destas cerâmicas foram obtidas em povoados do Sul da Beira Interior, como o Monte do Frade, Alegrios, Moreirinha, tendo sido mais tarde estendidas à baixa Estremadura e à região alentejana. Os resultados obtidos indicam que será entre os séculos XI e IX a.C. que tais cerâmicas alcançarão, e ao longo do rio, expressiva presença, transversal a todos os tipos de contextos, habitacionais, funerários e cultuais, pelo que podem considerar-se características da fase mais moderna do Bronze Final.

As suas formas e motivos decorativos configuram assinalável padronização estilística, traduzindo expressiva identidade cultural, que confere unidade às várias regiões percorridas pelo Tejo. Neste sentido, configuram-se como elementos de poder a nível inter-comunitário, mas sobretudo intra-comunitário, manipuladas em atividades específicas.

## AS PRODUÇÕES METÁLICAS

Sem o bronze e o ouro, não é possível entender a estrutura das economias e das sociedades do Bronze Final do vale do Tejo.

Em primeiro lugar, importa sublinhar que a região reúne dados relativos a todas as fases da «cadeia operatória» do trabalho do metal, desde a exploração dos minérios, à produção, consumo, circulação e deposição de uma grande diversidade de artefactos metálicos. É inquestionável a riqueza aluvionar do Alto e do Médio Tejo e seus afluentes da margem norte, em ouro e estanho. Por outro lado, o rio configura-se como principal «corredor de circulação» entre o litoral atlântico e as terras ricas em minério, como as Beiras e a Extremadura espanhola. O estanho chegava em bruto aos povoados, onde se encontraram martelos de mineração, como os da Moreirinha e os de Castelo Velho do Caratão (Mação), utilizados na trituração da cassiterite, depois fundida em cadinhos ou «vasilhas-forno».

Nos povoados, encontram-se frequentes vestígios da produção e/ou utilização de peças de bronze, comprovando que esta era uma atividade realizada em contexto doméstico, desconhecendo-se, porém, se a «arte do metal» era partilhada por vários membros ou famílias em cada sítio. Definida está a



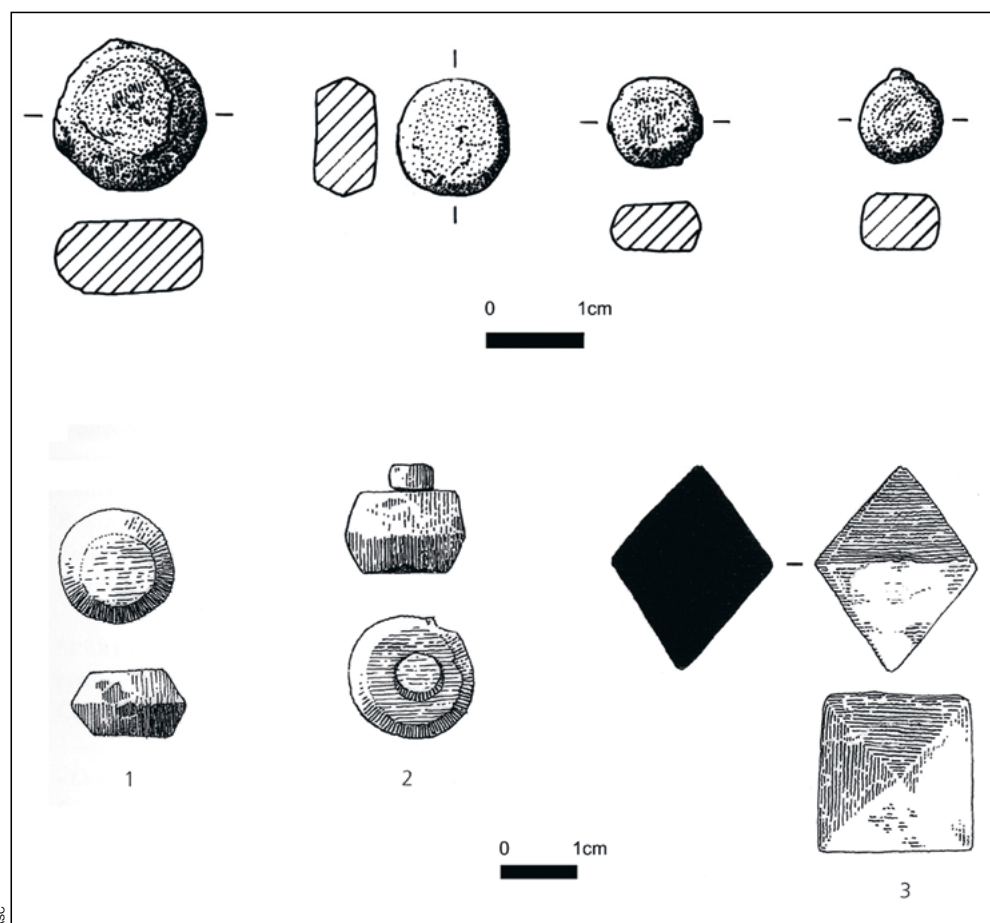
ASC Espada de Cacilhas (Foto do Museu de Almada/CMA).

sua escala, modesta, envolvendo pequena quantidade de matéria-prima, conforme sugerem cadinhos, moldes e mesmo os próprios artefactos encontrados, destinados sobretudo a consumo local.

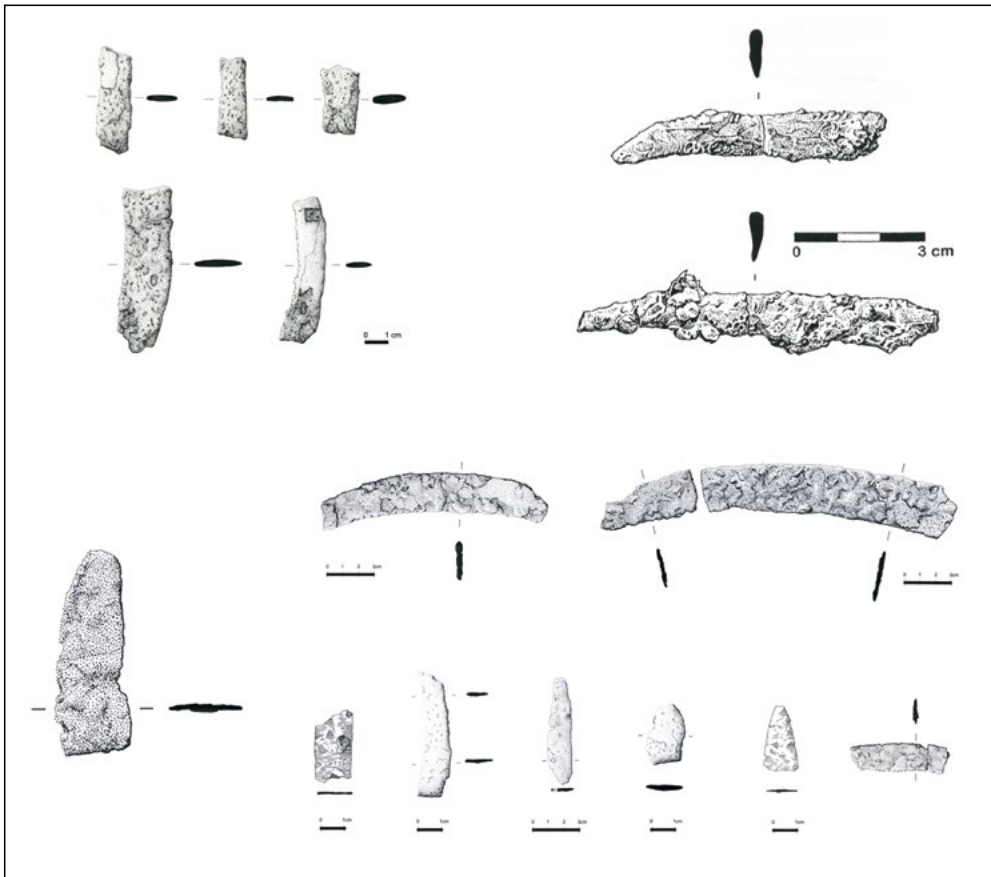
O metal só excepcionalmente ocorre em contextos sepulcrais e neles nunca se depositaram armas, apenas objetos de adorno e de tratamento do corpo, como as braceletes das necrópoles de Alpiarça, ou as pinças, fíbula e elemento de cinturão da Roça do Casal do Meio.

As principais produções de instrumentos de bronze revelam marcado cunho regional, que se estende a todo o vale do Tejo, e à frente atlântica, da Estremadura à Galiza, como machados de alvado e um anel, machados de talão univalves e um anel, e as foices de talão de tipo Rocanes.

Os depósitos da Quinta do Ervedal (Fundão), com c. de 17 Kg de metal onde dominam os lingotes plano-convexos, entre machados e punhais, inteiros e fragmentados, e o de Cacilhas (Almada), consubstanciado por apenas uma espada, completa, presumivelmente depositada no rio, são bem exemplo da riqueza desta realidade que, no Bronze Final, conheceu drástica alteração de escala na diversida-



Ponderais de Penha Verde (1) e do Monte do Trigo (2) (desenhos de Bernardo Lam Ferreira e de José Luís Madeira).



Artefactos de ferro de Monte do Trigo (1), Quinta do Percevejo (2) e Moreirinha (3), com predomínio quase absoluto de pequenas lâminas de facas (in Cardoso 2004; desenho de José Luís Madeira).

de e quantidade de artefactos, reforçando, no todo, profundas afinidades existentes entre as diversas regiões percorridas pelo rio.

Nos povoados trabalhava-se igualmente o ouro, de que restaram vestígios em um dos cadinhos da Moreirinha. Já o sítio da Quinta do Marcelo (Almada), onde se recolheu uma taça com resíduos de ouro e mercúrio, poderá ter correspondido a um local especializado no garimpo das areias auríferas.

A recolha e trabalho do ouro poderá ainda ter deixado rasto se considerarmos que bem tão precioso deveria ter sido alvo de apertado controlo, neste caso implicando instrumentos de pesagem e os respetivos ponderais, que ocorrem em alguns contextos habitacionais indígenas. Seriam um meio de avaliação de bens de valor reconhecido no contexto de trocas de carácter supra-regional, uma vez que foi possível identificar um padrão de valor internacional, o siclo sírio de 9,3/9,4g, com múltiplos e divisores, provavelmente em uso no Ocidente peninsular.

A mineração e transformação do ouro consubstanciou-se no fabrico de jóias, algumas de elevado peso, que testemunham a capacidade de acumulação do ouro e a existência de elites detentoras de assinalável poder e prestígio. Predominam braceletes, como os de Monforte da Beira e Almoster (Santarém), e merece destaque especial o referido colar do Casal de Santo Amaro, com o notável peso de 1262

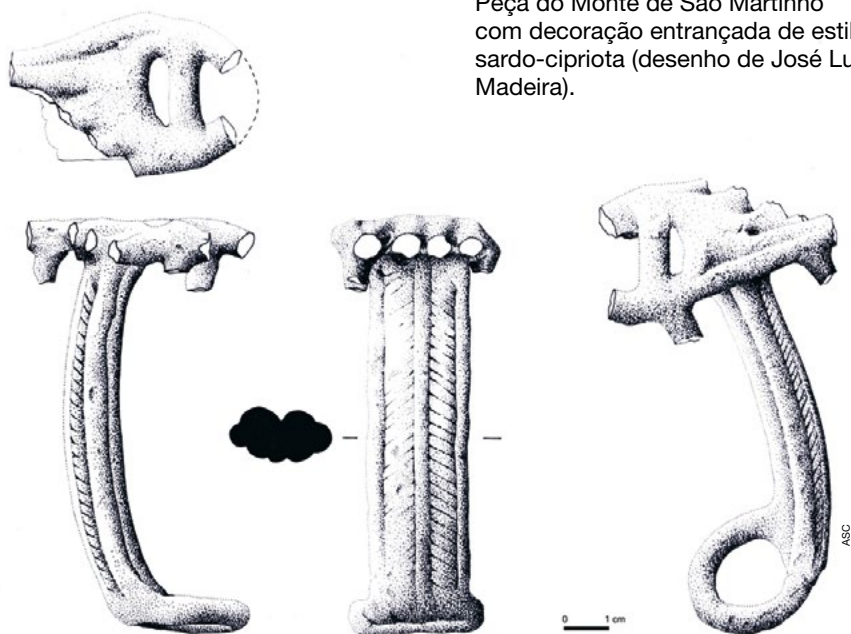
g, peça sem paralelo corporizando encomenda específica destinada a alguém do mais alto estatuto.

O Bronze Final do Tejo pauta-se ainda, a par de outras regiões do Ocidente Peninsular, e muito em especial a região das Beiras, por precoce incorporação de artefactos de ferro em contextos genuinamente indígenas, anteriores ao séc. IX a.C., num quadro local de pujante metalurgia do bronze. De fraca variabilidade tipológica, essencialmente lâminas de faca e de serra, como são as encontradas no Sul da Beira Interior e na região do estuário, neste caso os exemplares da Quinta do Percevejo (Almada), estas raras peças, em conjunto com outros bens, devem enquadrar-se nos contactos supra-regionais vinculados ao mundo mediterrâneo então desenvolvidos.

### CONTACTOS TRANSREGIONAIS

Caraterizado o Bronze Final do Tejo português em termos de organização demográfica e social e das suas principais produções, importa ainda atender a um dos seus aspetos mais peculiares e representativos: a dimensão internacional dos contactos estabelecidos a partir desta região, muito em particular com o mundo mediterrâneo.

Tais contactos desenvolvem-se ainda em finais do II milénio a. C., mas sobretudo na viragem e inícios do seguinte, antecedendo imediatamente parte da presença



fenícia no vale do Tejo, cujos primeiros indícios poderão entrever-se precisamente nesta realidade.

São diversos os testemunhos que evocam a existência de tais contactos com o Mediterrâneo, aonde chegavam produções bronzíferas indígenas. O Centro do território português evidenciou-se como área produtora e difusora de metais, assumindo nesse processo o rio Tejo papel determinante no escoamento dos objetos produzidos. Machados de diversos tipos, espadas, punhais de lingueta, foices de talão, espetos articulados, encontraram na Sardenha a plataforma do mercado mediterrâneo, exemplarmente ilustrada pelo célebre depósito do Monte Sa Idda.

Este processo foi por certo recíproco, no respeitante à troca de bens – direta ou indireta – então estabelecida a diferentes escalas e com objetivos distintos.

As personagens responsáveis por tal realidade, que poderíamos visualizar através das pesadas jóias, são indivíduos detentores de poder que se manifesta de distintas formas e, justamente também, no acesso e controlo de determinados bens de origem, matriz ou inspiração mediterrânea. Este processo de aquisição de bens sociais de prestígio, envolvendo inicialmente apenas as elites, funcionando como intermediárias, explica o sucesso da empresa fenícia verificada na sequência imediata e em estreita continuidade com estes primeiros contactos do Bronze Final.

As modalidades da relação estabelecida entre indígenas e comerciantes de origem mediterrânea, no final do Bronze Final, fossem eles fenícios ou não, contemplam materiais importados, como o âmbar. A análise por espectroscopia de infra-vermelhos das contas de colar recolhidas nos povoados de Moreirinha, Pragança e Quinta do Marcelo, provou que se trata de sucinite, de origem báltica, testemunhando a ampla escala de contactos desenvolvidos à época, neste caso com o Norte atlântico.

Ao nível da metalurgia, influências do Sul mediterrâneo expressam-se estilisticamente na peculiar decoração entrançada de timbre sírio-cipriota, que se encontra nos artefactos em forma de pega encontrados no Monte de São Martinho (Castelo Branco) e em Pragança.

Tendo presente a natureza e quantidade dos bens que circularam, é manifesto o desequilíbrio entre o que se fazia chegar ao Mediterrâneo – pesados artefactos de bronze, configurando estratégia de exportação absolutamente dominada pelo metal – e o que dali nos chegava: insignificantes objetos de bronze e de ferro pela dimensão e peso, além do âmbar, vidro, estilo decorativo, tecnologia. Assim, em termos estritamente económicos, não parece ser possível atribuir papel de relevo aos metais do Mediterrâneo nos contextos indígenas. O que se releva são bens exóticos que gravitam preferencialmente no campo de natureza simbólica, estética, de prestígio.

Acresce que tais novidades, pela sua natureza, numericamente escassas e sempre diminutas nos respetivos contextos, nunca chegaram a alcançar papel de relevo no processo de transformação profunda da estrutura das comunidades indígenas. Pelo contrário, a sua manipulação foi reservada às elites, como símbolos de distinção, de prestígio e de poder. Nesta medida, é defensável que, sendo minoritários, os bens de matriz mediterrânea não possam ser entendidos como *símbolos de identidade cultural* antes *elementos de identificação* de elites do Bronze Final do Tejo português. ■